

**GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO  
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA  
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO  
CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO  
UNEMAT CAMPUS UNIVERSITÁRIO DEP. RENÊ BARBOUR  
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA INTERCULTURAL**

**SATURNINA URUPÊ CHUE**

**A INFÂNCIA CHIQUITANO E O USO DO ESPAÇO DA ALDEIA VILA  
NOVA BARBECHO**

**Barra do Bugres  
2016**

**SATURNINA URUPÊ CHUE**

**A INFÂNCIA CHIQUITANO E O USO DO ESPAÇO DA ALDEIA VILA  
NOVA BARBECHO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT, *Campus* Universitário Dep. Est. Renê Barbour, como requisito parcial para obtenção do título de Graduada em Licenciatura em Pedagogia Intercultural.

Orientador: Prof. Dr. Wellington Pedrosa Quintino.

**Barra do Bugres  
2016**

## FICHA CATALOGRÁFICA

### CIP – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

C559i CHUE, Saturnina Urupê.

A infância Chiquitano e o uso do espaço da Aldeia Vila Nova Barbecho / Saturnina Urupê Chue. – Barra do Bugres, 2016. 37 f. ; 30 cm. (ilustrações)  
Il. color. (sim ).

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Graduação  
Licenciatura em Pedagogia Intercultural, Faculdade Intercultural Indígena,  
Câmpus de Barra do Bugres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2016.  
Orientador: Prof. Dr. Wellington Pedrosa Quintino.

1. Povo *Chiquitano*. 2. Cultura. 3. Infância. I. Quintino, W. P., Dr. II.  
Título.

CDU 572.9(=81/=82)(817.2)

Ficha catalográfica confeccionada pelo bibliotecário Luiz Kenji Umeno Alencar – CRB1 2037.

**SATURNINA URUPÊ CHUE**

**A INFÂNCIA CHIQUITANO E O USO DO ESPAÇO DA ALDEIA VILA NOVA  
BARBECHO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Avaliadora do Curso de Pedagogia Intercultural – UNEMAT, Campus Universitário Dep. Renê Barbour como requisito para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia Intercultural.

Barra do Bugres, 05 de novembro de 2016.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Wellington Pedrosa Quintino  
Professor Orientador

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Monica Cidele da Cruz  
Professora Avaliadora

---

Prof. Me. Isaias Munis Batista  
Professor Avaliador

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Helena Rodrigues Paes  
Coordenadora do Curso de Pedagogia Intercultural

**Barra do Bugres  
2016**

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todas as famílias da aldeia Vila Nova Barbecho, em especial às crianças e aos anciões.

A todos os que contribuíram de forma direta ou indireta com seus conhecimentos através das entrevistas realizadas.

Dedico de modo especial, à minha família, minha mãe Elena Laura Chue, meu pai Florêncio Urupe, a meus irmãos e irmãs, que muito contribuíram na realização do mesmo, sempre me apoiando e me encorajando.

Dedico ainda, a José Poquivique, meu esposo, e a meus filhos Jander, Samuel Chue e Samyla Chue, os quais foram minha fonte de inspiração.

## AGRADECIMENTO

Primeiramente, meus agradecimentos a *Tuparch*<sup>1</sup> pela oportunidade que me concedeu. Em primeiro lugar, por ter sido aprovada nesta faculdade e poder cursar e concluir mais esta etapa de estudos na minha vida. Pela capacidade de desenvolver meus trabalhos e assim concluir esta formação no curso de Licenciatura em Pedagogia Intercultural; pela força e coragem que me alcançou nos momentos de dificuldades.

Às famílias da aldeia Vila Nova Barbecho, pela confiança e apoio neste trabalho. De modo especial, a minha família, minha mãe Elena Laura, meu pai Florêncio Urupe, meus irmãos e irmãs que sempre estiveram me encorajando, animando e apoiando tanto de forma direta na minha pesquisa, quanto com conselhos, às vezes, até com uma simples palavra, mas que contribuiu na minha caminhada de acadêmica.

Ao meu esposo José Poquivique, pela compreensão, cuidado, carinho e apoio que teve com nossos filhos durante minha ausência na família, às vezes, fazendo os dois papéis, de pai e mãe, em todas as vezes que tive que me ausentar para minha formação neste curso.

Aos anciões da aldeia, nas pessoas da senhora Clemencia Muquissai, do senhor Nicolau Urupe, senhora Elizabete Tossué, senhor Fernandes Moquissai, senhora Elena Laura Chue, que tanto colaboram, relatando seus conhecimentos tradicionais, histórias reais vividas por eles, as quais vão de um passado mais saudável até um presente lamentável.

Aos profissionais de Educação da Escola Estadual Indígena Chiquitano José Turíbio, professores Mauro Urupe Chue, Suzilene Urupe Chue, Edmundo Nicolau Chue Muquissai, Gonçalo Arildo Muquissai, enfim, a todos os que sempre estiveram dispostos em colaborar, me auxiliando nas atividades que desenvolvi durante minha formação, e que também compreenderam a minha ausência como gestora da escola quando me ausentava para o curso, mas estiveram sempre comprometidos com suas atividades escolares.

A todos os alunos da Escola Estadual Indígena Chiquitano José Turíbio, que participaram diretamente no meu percurso de acadêmica contribuindo com seus talentos desenhando, escrevendo, enfim, com várias atividades e que não mediram esforços para me ajudar todas as vezes que necessitei de seus auxílios para desenvolver meus trabalhos e atividades acadêmicas.

---

<sup>1</sup> O povo Chiquitano, assim como os demais povos, tem suas crenças sendo *Tuparch*, o seu Deus, um ser superior que é respeitado pelo povo.

À Diretoria de Gestão Escolar Indígena da UNEMAT, através da professora Dr<sup>a</sup>. Maria Helena Paes, coordenadora do curso de Pedagogia Intercultural e todos os docentes com quem convivi e aprendi, entre os quais destaco a professora Dulcilene Rodrigues, Cleuza Bernadete, professor Wellington Pedrosa Quintino, enfim a todos os que me proporcionaram momentos de aprendizagem, sempre fortalecendo a forma de ensino específico e diferenciado, relacionando os dois conhecimentos e, com isso, pudemos ter um ensino de qualidade.

A professora Cleuza Bernadete que colaborou no desenvolvimento deste trabalho e que fez parte do mesmo no início de sua execução.

Aos meus colegas de turma e companheiros de trabalho como professores das diversas etnias do estado de Mato Grosso, com os quais convivi durante este período acadêmico, aprendi muito mais sobre outras culturas, e me fortaleci na luta enquanto povo *Chiquitano*. Assim, divulgarei onde quer que eu vá a grande diversidade cultural que existe neste nosso vasto país, onde todos devem ser respeitados e valorizados na sua diversidade. Estou certa de que é necessário nunca desistir de lutar pelos nossos direitos de originários, agora com maior força, pois já ampliamos nossos conhecimentos sobre as leis para que elas sejam válidas e cumpridas.

A todos, o meu *SUNMANA TCHAPIÉ*<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> SUNUMANA THCAPIÉ termo atribuído a forma de agradecimento na Língua do povo *Chiquitano*.

## RESUMO

O foco principal da pesquisa foram as brincadeiras de criança com coleta de dados, a partir do relato dos anciões, dos adultos, dos jovens e por fim, o relato das próprias crianças Chiquitano da aldeia Vila Nova Barbecho. O presente trabalho teve como objetivo discutir a relação espaço/infância Chiquitano, mostrando as transformações sofridas na comunidade em razão da condição atual de redução da área indígena. Ao analisar os relatos, de ambas as partes, pude perceber as tamanhas modificações que vem ocorrendo na vida da atual geração, principalmente, na vida das crianças desta aldeia no que diz respeito ao uso do espaço geográfico como parte constitutiva e significativa no cotidiano para sua formação pessoal e intelectual. Focalizamos, assim, a ausência de liberdade para usufruir deste espaço de forma sustentável, consciente e respeitável, considerando seu valor na vida do povo da nossa aldeia. Percebemos, também, a falta de respeito com este povo e também com a mãe natureza por parte dos não indígenas, de muitas pessoas gananciosas, que visam somente o lucro e deixam de pensar na essência principal, a vida. Assim, paralelamente, percebemos também a resistência e uma luta árdua do povo originário desta terra, os *Chiquitano*, que nunca se cansam de sonhar e lutar por dias melhores e por justiça para as futuras gerações.

**Palavras-chave:** Povo *Chiquitano*. Cultura. Infância. Escola Indígena.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Mapa das Comunidades Chiquitano no Brasil, destacando a rota terrestre de Cáceres às comunidades citadas .....	13
Figura 2 –	Casal de anciões da aldeia Vila Nova Barbecho falantes da Língua .....	19
Figura 3 –	Adultos ensinam crianças a confeccionar e andar no cavaloto, uma das brincadeiras resgatados pela escola .....	26
Figura 4 –	Anciões da aldeia contando, para as crianças, como foram suas infâncias.....	29
Figura 5 –	Crianças Chiquitano banhando no Córrego, momentos proporcionados pela escola.....	30
Figura 6 –	Intercâmbio entre as escolas indígenas Chiquitano .....	31
Figura 7 –	Crianças Chiquitano brincando no dia a dia jogo de futebol .....	32
Figura 8 –	Crianças Chiquitano andando de bicicleta no dia a dia.....	32

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>CAPÍTULO I</b> .....	13
1.1 O povo Chiquitano.....	13
1.2 A Aldeia Vila Nova Barbecho .....	14
1.3 Principais Práticas Culturais .....	15
<b>CAPÍTULO II</b> .....	18
2.1 Concepção de infância para os <i>Chiquitano</i> da Aldeia Vila Nova Barbecho .....	18
2.2 História da infância familiar do passado ao contexto atual: relatos .....	19
2.3 Sobre os consultores nativos.....	23
<b>CAPÍTULO III</b> .....	24
3.1 Brincadeiras realizadas antigamente a partir dos relatos feitos .....	24
<b>CAPÍTULO IV</b> .....	28
4.1 Sobre o papel da escola na aldeia Vila Nova Barbecho .....	28
4.2 As mudanças no brincar.....	31
4.3 O Território e sua relação com as práticas culturais .....	33
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	35
<b>CONSULTORES NATIVOS</b> .....	36

## INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é descrever como era a infância das crianças Chiquitano no passado, quais as brincadeiras e atividades que eram realizadas e praticadas por elas. Assim nos perguntamos como é a infância das crianças Chiquitano? Quais as brincadeiras e atividades que elas praticam hoje? Como elas utilizam o espaço da aldeia? Quais espaços da aldeia utilizam para brincar? Qual o papel da escola na aldeia? Em que ela contribui? Com base nessas perguntas procuramos estabelecer relações entre como era antigamente, o que mudou e por que mudou, do passado ao presente, buscando compreender o conceito de infância e do brincar, para o povo *Chiquitano*, mostrando como era utilizado o espaço geográfico da aldeia. Discutimos as mudanças ocorridas na infância das crianças Chiquitano na Aldeia Vila Nova Barbecho e também identificamos o papel da escola local no desenvolvimento das atividades e brincadeiras das crianças na aldeia e a contribuição da mesma na vida das crianças.

Neste sentido, nosso intuito com este trabalho é buscar registrar os relatos dos anciões sobre as brincadeiras que se brincavam antigamente, deixá-los na escola para que possam servir como subsidio a ser trabalhado com as crianças, e através destes, elas irão crescendo e aprendendo a importância de tudo isso e assim sempre ter uma visão de luta por aquilo que lhes pertence, seu bem mais precioso, a terra. Também contribuirá na divulgação desta realidade, por ser um trabalho de pesquisa realizada por mim como uma pesquisadora Chiquitano da própria aldeia.

Atualmente as crianças da aldeia Vila Nova Barbecho vivem uma infância “normal” enquanto criança Chiquitano. Estudam, brincam, participam das reuniões, das cerimônias tradicionais e acompanham os pais nos afazeres do dia a dia em casa, porém algumas práticas da cultura foram ficando de lado na medida em que o espaço geográfico da aldeia foi sendo reduzido, ficando assim, restrito somente ao centro da aldeia, aos quintais das casas de famílias, à escola e ao córrego para realizarem suas formas de diversão e brincadeiras que ainda acontecem nos dias de hoje. As formas do brincar de hoje têm mudado muito em relação às brincadeiras realizadas antigamente. A brincadeira mais frequente que existe hoje entre as crianças é o jogo de futebol, onde ocupam o campo no centro da aldeia, até mesmo nos quintais das casas de família. Além do futebol, as crianças também brincam de pega-pega, esconde-esconde e de casinha. Outro hábito frequente também é o de andar de bicicleta, nos espaços como campo de futebol e de uma casa a outra, assim como no córrego quando algum adulto da aldeia os leva, ou quando a escola propicia esses momentos de lazer no córrego. Os pais procuram sempre relatar oralmente aos filhos quais brincadeiras se realizavam antigamente e o

que faziam nas suas infâncias enquanto crianças. Assim o presente trabalho justifica-se em função das muitas mudanças ocorridas na dinâmica familiar no contexto da tradição cultural Chiquitano. Nesse sentido, cabe discutir, compreender e problematizar as consequências dessas mudanças em termos da estrutura sociocultural Chiquitano, também a repercussão que isso ocasiona na saúde, física e psicológica das crianças, tendo como recorte a Aldeia Vila Nova Barbecho, focada na infância dos pequenos Chiquitano. O que me instigou a desenvolver este trabalho foram justamente essas mudanças que vêm ocorrendo na dinâmica familiar, principalmente, no que diz respeito à qualidade de vida das crianças na aldeia. Os relatos de anciões deixam claro a diferença nas formas de como eles viveram suas épocas de infância, como brincavam antes e como se preocupam com as brincadeiras e a vivência das crianças hoje. Atualmente há falta de liberdade e acesso aos lugares de lazer e lugares sagrados, não por serem proibidas pelos pais, mas pelo cuidado que é tomado em relação às disputas por terra e às ameaças constantes de fazendeiros, de forma que as crianças já crescem sabendo desse cuidado.

Este trabalho foi desenvolvido por meio de entrevista, com os senhores Nicolau Urupê, Clemência Muquissai Soares, Helena Laura Chue, Fernandes Moquissai Soares e Elizabete Tossue Soares anciões da aldeia, Cleide Muquissai Chue, Edmundo Nicolau Chue Muquissai, jovens e com um grupo de crianças da escola, para que eu pudesse fazer as comparações entre a vivência da infância, as brincadeiras no passado e a do presente em relação ao uso do espaço geográfico da aldeia como fator importante na formação cultural das crianças Chiquitano. Também foram entrevistados Mauro Urupe Chue, Suzilene Urupe Chue que são os profissionais de Educação da escola na aldeia. As entrevistas foram realizadas a partir de um pequeno roteiro de perguntas, solicitei que fizessem os relatos oralmente, alguns entrevistados pediram que eu deixasse o questionário para que pudessem responder por escrito. Não foi autorizada a gravação, por parte de alguns entrevistados e nem a divulgação dos áudios dos entrevistados que autorizaram, então, registrei por escrito, no caderno, os relatos que foram feitos oralmente um por um registrando os detalhes. Também foi feito registro fotográfico no acompanhamento das atividades escolares e do cotidiano das crianças da aldeia. Assim será apresentado neste trabalho alguns dos relatos, e também algumas fotografias da observação das brincadeiras das crianças no cotidiano da aldeia, também do trabalho da escola na revitalização das brincadeiras tradicionais. Utilizei também como fonte de pesquisa, pesquisas bibliográficas que falam sobre concepção de infância. Estes dados estão organizados em quatro capítulos. O primeiro trata de alguns aspectos mais gerais do povo *Chiquitano*, da aldeia Vila Nova Barbecho, bem como, suas principais práticas culturais. O segundo capítulo trata de discutir e apresentar as concepções de infância para o povo *Chiquitano*, assim como apresentar o relatado

pelos anciões. O terceiro capítulo apresenta as brincadeiras infantis enquanto manifestação etno cultural do povo *Chiquitano*. No quarto capítulo trata sobre o papel da escola frente a realidade vivida pelas crianças Chiquitano, em especial, àquelas da aldeia Vila Nova Barbecho, *lócus* da nossa pesquisa.



Costa (2006), existem 31 comunidades Chiquitano no Brasil (pontos vermelhos com numeração no mapa acima), na fronteira com a Bolívia, estimam-se em 2,500 indivíduos divididos em várias regiões. Além dos *Chiquitano* que vivem em aldeias, há aqueles que moram nas periferias dos referidos municípios. Por motivos de fortes pressões e ameaças de políticos e fazendeiros dos referidos municípios, muitos indígenas que moram na aldeia e até mesmo nas periferias das cidades, não se assumem enquanto indígenas e pior ainda são condicionados a negar a sua identidade de Chiquitano. Mas a luta dos *Chiquitano* que assumem sua identidade étnica, vem sendo árdua e insistente para que tenham seus direitos respeitados e garantidos conforme é assegurado na Constituição Federal de 1988. Os *Chiquitano* que mesmo diante das pressões e ameaças que enfrentam, continuaram firme assumindo sua identidade residem nas aldeias Vila Nova Barbecho, Acorizal, Fazendinha, *Paama Mastakama*, Nossa Senhora Aparecida e *Nautikich Putsiorch*. Aldeias estas situadas nos municípios de Porto Esperidião, Pontes e Lacerda e Vila Bela da Santíssima Trindade.

## 1.2 A Aldeia Vila Nova Barbecho

A Aldeia Vila Nova Barbecho está localizada a 110 Km da sede do Município de Porto Esperidião, Mato Grosso. Nela existe cerca de 20 famílias, somando um total de aproximadamente 100 pessoas. Os *Chiquitano* da Aldeia Vila Nova Barbecho vivem hoje em processo de revitalização da língua materna Chiquitano, pois ela ficou adormecida por um longo período, porque foram obrigados a se calar e deixar de falar a própria língua para, assim, garantir a sobrevivência dos falantes. Foram também impedidos pelos colonizadores (fazendeiros, políticos e militares) de manifestar outras práticas tradicionais da cultura Chiquitano.

De acordo com a liminar de 2010 há 300 (trezentos) hectares de terra que seriam de uso comum entre as partes (indígenas e fazendeiro), mas os indígenas relatam que atualmente essa terra está sendo usufruída apenas pelo fazendeiro, já que a área já está toda desmatada, juntamente com o desmatamento foram destruídos pequizal, mangaval, inclusive as áreas próximas da nascente do córrego *Nopetarch*,<sup>3</sup> que banha a aldeia Vila Nova Barbecho. Além da nascente deste riacho, praticamente todas as minas d'água, que ficam perto da sede da fazenda, estão todas destruídas, assim como as demais minas existentes nesta Terra.

---

<sup>3</sup>*Nopetarch* nome dado ao córrego das tartarugas, pois antigamente havia nesses córregos muitas tartarugas.

Conforme relatam os anciões da aldeia Vila Nova Barbecho, antigamente quando ainda podiam transitar livres na mata, o povo sobrevivia da caça, pesca, da coleta de frutos, também podiam fazer grandes roças tradicionais. Podiam ainda desfrutar dos recursos naturais para sustento e sobrevivência de suas famílias, retirando as matérias primas para construção de casas, faziam artesanatos para uso e comercialização. Atualmente as famílias da aldeia Vila Nova Barbecho se sustentam basicamente com salários, trabalhando como funcionários da SESAI<sup>4</sup>, na saúde indígena na aldeia e da SEDUC<sup>5</sup> trabalhando na escola e alguns aposentados. Assim, as pessoas que não tem emprego na própria aldeia, para sobreviver são obrigados a sair para trabalhar fora da aldeia, ou seja, trabalhar como empreiteiros ou diaristas em fazendas próximas, outros ainda, acabam migrando para as cidades em busca de emprego e sustento da sua família, e acabam indo morar nas periferias das cidades mais próximas das aldeias. Já as famílias da aldeia plantam roça na pequena área da qual tem acesso, porém, não é suficiente para a sustentabilidade do povo da aldeia, pois a terra está cansada de ser trabalhada. Dessa forma, o que mais se planta é milho e mandioca. O artesanato seria uma opção de trabalho e economia para as famílias, pois sabemos fazer uma grande variedade. O que dificulta essa atividade é que as matérias primas próximas já acabaram ou estão sendo destruídas pelo desmatamento dos fazendeiros e onde ainda há matéria prima, os indígenas são impedidos pelo fazendeiro de extraí-la. Essa dificuldade de produzir os artesanatos, pelo difícil acesso à matéria prima, deixa uma preocupação e tristeza muito grande para os indígenas, principalmente, para os sábios anciões, que têm a missão de repassar esses conhecimentos para as crianças e jovens de geração para geração, pois é isso que mantem a cultura viva.

### 1.3 Principais Práticas Culturais

O povo *Chiquitano* tem como uma de suas principais práticas culturais a dança do *Curussé*<sup>6</sup>, uma festa que é realizada no período do carnaval. Ela, é tocada nos momentos de festas tradicionais e de muita alegria, e ocorre durante uma semana quando as pessoas dançam ao som da caixa, bombo e do pífano, que são tocados pelos anciões e jovens, estes acompanham para aprender. Não se dança em um único local, mas a dança perpassa todas as casas de família

---

<sup>4</sup> SESAI Secretaria Especial de Saúde Indígena

<sup>5</sup> SEDUC Secretaria de Estado de Educação

<sup>6</sup> Curussé nome da festa tradicional do povo *Chiquitano*.

da aldeia. Cada família oferece a *tavaurch*<sup>7</sup> bebida tradicional, em forma de demonstração de muito carinho com as pessoas que se encontram ali. Esse carinho só é ‘encarinhado’ às pessoas de muita responsabilidade e que terá a obrigação de convidar aos demais durante a festa. Cabe a ele ainda no ultimo copo da chicha ‘encarinhado’ a ele, devolver ao dono da casa em agradecimento por esse carinho. Nesta festa todos participam: mulheres, homens, jovens e inclusive as crianças e até os ‘encantados da natureza’, os espíritos que não vemos de corpo em massa. Assim durante a festa, ocorrem vários rituais. Tem também a saída das bandeiras no terceiro dia do *Curussé*, são quatro bandeiras que são entregues pelo cacique da aldeia a quatro homens, os quais terão a responsabilidade de dançar com elas na primeira volta que perpassa as casas das famílias e cuidá-las, pois as mesmas são consideradas sagradas para o povo *Chiquitano*, e sua função é espantar os espíritos maus do meio da festa, a fim de que ocorra tudo bem durante a festa. Depois disso, outras pessoas poderão pegá-las para dançar com elas, mas, no final do dia, os quatro homens que as receberam no início terão que ter a responsabilidade de entregar elas de volta ao cacique. No último dia da festa realiza-se o ritual da surra, para que seja espantado o espírito mal ou coisa ruim do corpo da pessoa, também para educar, os filhos em forma de reconciliação por algum momento da festa, às vezes, ter saído fora das regras, também para saber e lembrar que os pais ainda estão vivos e que os filhos e mais novos devem respeito a eles. Esse ritual é realizado no último dia do *Curussé*, na casa sagrada onde se encerra a festa, onde já tem um local preparado, os jovens, as crianças e as pessoas mais novas deitam com as costas para cima, e os pais dão três *fiuladas*<sup>8</sup> com uma corda que antigamente era trançada de couro de *nogórch*<sup>9</sup>, mas atualmente se usa corda normal comprada no mercado. Nestes dias, ninguém pode ficar sozinho na casa, ou seja, todos devem participar da festa, pois são dias considerados muito perigosos, porque todos os espíritos estão festejando também. É momento em que toda a natureza, as aves, os pássaros, os bichos enfim todos os animais estão em momento de festa. Quem fica em casa e não participa no grupo corre o risco de ser levado pelos encantados para morar com eles, caso eles não consigam leva-lo, a pessoa pode adoecer. O que não pode é ficar sem participar, uma vez que a festa é para todos.

Durante os dias do *Currussé*, a bebida principal é a chicha de mandioca e de milho, as famílias costumam acolher e alimentar as pessoas que vem de outras aldeias e se abrigam em suas casas. Já no terceiro dia, todos se reúnem no barracão da aldeia, cada família traz seu alimento preparado e fazem juntos o almoço comunitário.

---

<sup>7</sup> *Tavaurch* nome atribuído a bebida tradicional do povo *Chiquitano*.

<sup>8</sup> *Fiuluada* termo atribuído a batida, ou chibatada.

<sup>9</sup> *Nogorch*, palavra em *Chiquitano*, que é o nome do animal veado do mato.

Além da dança durante a festa tradicional, existem outras brincadeiras, com barro, água e tintas naturais, onde as mulheres sujam os homens e os homens sujam as mulheres.

Uma outra prática cultural que vem sendo revitalizada é o uso da língua. A língua Chiquitano é do tronco Macro- Jê, conforme relata Santana (2012) e, em geral, há poucos falantes da língua materna nas aldeias do lado brasileiro. Sabe-se, que os *Chiquitano* do lado boliviano denominado Chiquito são falantes da nossa língua ancestral, porque sofreram diferentes pressões, porém continuaram mantendo sua língua e outras práticas da cultura tradicional um pouco mais forte que no lado Brasileiro.

## CAPITULO II

Tratamos neste capítulo de discutir e apresentar as concepções de infância para o povo *Chiquitano*, tal como relatado pelos anciões.

### 2.1 Conceção de infância para os *Chiquitano* da Aldeia Vila Nova Barbecho

Segundo a anciã senhora Clemência Muquissai Soares a infância é a fase da vida em que tudo se inicia, e é, principalmente, o momento em que se aprende através da observação e acompanhamento nas atividades do dia a dia na aldeia. A infância da criança *Chiquitano* não se resume em apenas brincar e estudar, mas sim em outros momentos importantes em sua formação como um *Chiquitano*. Além destes, existem outros fatores importantes na sua formação, que quase não se distingue separadamente, como na caça, pesca, atividades e rituais culturais, no trabalho na roça, etc.

A criança *Chiquitano*, desde muito cedo, tanto a menina como o menino, já acompanha seus pais nos trabalhos, como preparação do terreno, no plantio e colheita da roça, participam em todas as atividades culturais e festas tradicionais, danças e outros, mesmo que seja somente para marcar presença, pois é através da observação e acompanhamento nas atividades que elas crescem e aprendem a fazer os mesmos. A criança *Chiquitano* tem um valor fundamental e importante na vida da aldeia, por isso, ela participa de tudo que é feito na aldeia e não há quase nada que se faz separando das crianças. Elas aprendem juntos para também saber sobreviver onde quer que for, sabendo utilizar esses conhecimentos tradicionais construídos ao longo de sua infância em sua vida de adulto.

Entre os *Chiquitano* a formação na infância da criança não é apenas responsabilidade dos pais, mas sim de todos na aldeia e não se faz separadamente e diferentemente para mulheres e homens. Todos aprendem a fazer todas as atividades e participam de todos rituais.

## 2.2 História da infância familiar do passado ao contexto atual: relatos

**Figura 2 - Casal de anciões da aldeia Vila Nova Barbecho falantes da Língua Chiquitano**



**Fonte:** Edmundo Nicolau Chue Muquissai, 2015

Buscar saber sobre como foi a infância dos atuais anciões é de fundamental importância para que nossos pequenos possam ter conhecimento sobre como foi o passado tradicional de um povo que vivia livre no acesso e uso da Terra, que fazia suas práticas Culturais, juntamente com os pais, na caça e pesca que aconteciam frequentemente. Depois com a chegada dos colonizadores, passa a ser negado, às atuais gerações, essas práticas, mudando completamente estes hábitos. Desse modo vale ressaltar que a importância de retomar tais práticas representa a vida de um povo que luta para ter de volta aquilo que lhes foi tirado, a liberdade e que esta luta

não tem sido fácil. Assim segue relato de anciões que desabafam através desses relatos suas experiências de vida real, quando criança.

### **Relato 1**

*Antigamente tinha liberdade para transitar e usufruir da natureza para morar plantar roça, caçar, pescar, não tinha impedimentos e nem limite na caça era produtiva, enchia baquité<sup>10</sup> de carne assado, retirava mel, colhia frutos. O perigo de andar sozinho era só onça, mas a gente tomava cuidado com elas. Mas nada de medo de fazendeiro porque tudo era livre somente nosso.*

*Com a chegada dos políticos que chegaram requerendo as Terras e tomando a Terra dos Chiquitano com papel falso e na época nós não tínhamos conhecimento acreditava na mentira deles.*

*Quando já aguentavam andar a gente acompanhavam os pais, na caça, pesca e meleada<sup>11</sup> (tirada de mel de abelha). Ia catar frutas, todo tipo de frutas, do cerrado, do mato, e sem medo de nada.*

*No mato mesmo sentavam e comia as frutas, sem medo de aparecer fazendeiro nenhum esses homens estranhos que agora andam no mato sondando a gente, não tinha gente de longe somente os Chiquitano aqui. Quando nossos pais iam festejar em outra aldeia deixavam as crianças em casa sem medo de fazendeiro. Mas antes uns dias já caçavam, pescavam e coletavam frutos para deixar para eles. Os filhos ficavam todos juntos numa única casa e ninguém sofria nem passava necessidade. Só acompanhavam os pais nas festas os rapazes e as moças que já tinham seus companheiros, ou seja já eram casados mas quando a festa era na própria aldeia todas as crianças participavam, só não iam na festa onde era muito longe a aldeia e não aguentavam ir a pé, não tinha carro a viagem era tudo a pé a gente se reunia e ia todo mundo junto.*

O relato acima apresenta, do ponto de vista do indígena Chiquitano, a liberdade em usufruir os espaços e coletar os recursos naturais antes da chegada do colonizador, quando somente os Chiquitanos habitavam essas Terras. Podiam andar na mata sem medo. Apenas tomavam cuidados com a onça, mas hoje essa onça se apresenta em forma de ser humano (o

---

<sup>10</sup> Baquité artefato de palha do povo Chiquitano.

<sup>11</sup> Meleada retirada de mel de abelha.

fazendeiro). Os pais não temiam em deixar seus filhos sozinhos em casa, apenas se preocupavam em deixar os alimentos para elas.

## **Relato 2**

*Quando eu era criança, não tinha pensamento de adulto, mas já acompanhava meus pais, ia crescendo e aprendendo a trabalhar sempre ouvindo a explicação deles, já cumprindo algum dever ia crescendo, entendendo e aprendendo. A criança não tinha separação tanto a menina e o menino já aprendia caçar e pescar, com os pais ou com outras pessoas da aldeia sempre na companhia para aprender porque a educação da criança Chiquitano não é responsabilidade somente da sua família, mas sim de todos da aldeia. Naquele tempo tudo era livre podia caçar pescar, não tinha fazendeiro que falava que era dono de toda essa Terra. A gente preocupava com outras coisas, mas nunca imaginava que as crianças de hoje não fossem ter o que a gente tinha antes. Brincava no córrego todos juntos, sem medo de nada. Um cuidava o outro, era muito bom.*

Percebe-se aqui que a educação tradicional da criança Chiquitano não é responsabilidade somente da família, mas sim, de todos da aldeia. Sendo que muitas práticas tradicionais e culturais hoje não vêm sendo realizado, por falta de ter a Terra demarcada. O relato apresenta uma infância, mais tranquila do que aquela dos tempos atuais, onde um dos principais fatores para continuidade dessas práticas é de fato a Terra.

## **Relato 3**

*Desde criança já tinha responsabilidade, brincava, cuidava dos irmãos mais novos ia na roça, olhava trilheiro de anta, quando já aguentava andar já saia na companhia dos pais em todos os lugares, na roça, na caça, na pesca, o espaço era livre para transitar nele, naquela época não tinha desmata era tudo mata virgem cerrado, campo mata, mas tudo era livre pra caçar andar coletar frutos e fazer casa tinha muitas madeira boa palha pra fazer nossos casas também tinha muitos animais, pois era mata virgem. Naquele tempo eu não imaginava que um dia fosse ser tudo destruído pois era só nós Chiquitano que morava nessa região. Só depois, bem depois que chegaram essas gentes estranhos fazendo o que vocês vem hoje tudo desmatado. E não imaginava que nesta idade iria vivenciar estes acontecimentos.*

Ao analisar estes relatos, pude perceber a aproximação das duas vivências ainda no tempo em que o acesso era livre no uso do espaço. Tempos bons em que se aprendia tudo que fosse possível como uma criança Chiquitano. Percebe-se, também, a surpresa e preocupação em estar vivenciando agora já como ancião esta realidade lamentável, juntamente com as atuais crianças em suas infâncias.

#### **Relato 4**

*Ser criança é uma fase boa da vida que a gente não somente brinca, mas aprende, tem curiosidade para tudo, fase de conhecimento e interesse em aprender, eu na minha infância, eu me lembro que brincava muito, mas também já saía com os pais na roça para cuidar, as vezes tocar passarinho ia até pescar com os pais. Na casa ajudava a mãe com algumas atividades leves. Na minha época tinha livre acesso, podia caçar, pescar, não tinha limite. Esses lugares não eram desmatados e nem estragado por gado. Eu lembro que eu só tinha medo de tucandira, onça já quase não tinha mais. Não tinha perigo por fazendeiro. Eu sempre imaginava que nossa aldeia ia crescer ia ter mais gente, mais família e que o acesso ao espaço sempre seria livre principalmente para catar mangava e pequi. Mas não imaginava que um dia fosse ser tudo desmatado. Mas ai não durou muito tempo o fazendeiro chegou e destruiu tudo os pesquisais e mangavas foi colocando cerca eu lembro disso.*

Já este quarto relato mostra como esse acesso foi se diminuindo aos poucos que, mesmo ao aproximar das anteriores, já presencia ainda jovem esta triste situação. Mas percebe-se que mesmo sendo criança não deixa de ter as responsabilidades que fazem parte da infância da criança Chiquitano.

#### **Relato 5**

*Nós temos medo de ir no córrego sozinho, só vamos quando vamos num grupo grande e na companhia dos adultos, quase não vamos com mamãe e papai pescar no córrego, nunca fomos catar frutas com eles quase nem conhecemos as frutas, sabemos que esta Terra é nosso, mas já vimos várias vezes o fazendeiro vim aqui na aldeia e mandar a gente ir embora, sempre fala que essa Terra é dele, mas sabemos que não é dele, temos medo que ele nos faça mal, pois ele é malvado já quis gritar várias vezes com os mais velhos, mas hoje os mais novos os*

*que já estudam já tem conhecimento de leis e não deixam ele fazer mais isso, aí ele fica muito bravo, já presenciamos várias vezes isso, a gente denuncia, mas ainda quase não fomos atendidos. Ainda mais agora a gente fica preso num único pedacinho de Terra cercado com arame, não podemos caminhar livremente. Só brincamos no centro da aldeia, pois nossos pais recomendam para tomar cuidado e não sair ficar andando sozinho nem na roça pois o fazendeiro pode fazer mal pra gente. Ele sempre anda rondando a aldeia a gente vê ele, não sabemos até quando isso vai durar, por isso reivindicamos a demarcação da nossa Terra o mais possível mas os processos são lentos demais até agora nada.*

Neste relato percebe-se como as crianças vivenciam e percebem estas pressões por parte dos fazendeiros, que na maioria das vezes impedem as mesmas de usufruir dos recursos da natureza que são essenciais para a formação tradicional da criança Chiquitano.

### **2.3 Sobre os consultores nativos**

Os consultores nativos que fizeram parte deste trabalho com suas contribuições na pesquisa foram: A anciã senhora Clemência Muquissai Soares, com 75 anos de idade, falante e professora tradicional da língua materna Chiquitano aqui na aldeia. O ancião, senhor Nicolau Urupe, com 76 anos de idade, a senhora Helena Laura Chue com 54 anos de idade, artesã e liderança religiosa na aldeia. A religião que os *Chiquitano* frequentam na Aldeia Vila Nova Barbecho é a católica, mas sempre procuram manter as práticas culturais juntamente nos momentos que se reúnem para os momentos de oração. As práticas culturais do povo ainda estão presentes e são os próprios Chiquitano que são responsáveis por esses movimentos na comunidade, tendo sempre a pessoa responsável conforme descrevi anteriormente. A senhora Elizabete Tossué Soares, também artesã 61 anos de idade. O senhor Fernandes Moquissai Soares, cacique da aldeia 68 anos de idade. A senhora Suzilene Urupe Chue de 36 anos idade, professora na escola da Aldeia, a senhora Cleide Muquissai Chue de 24 anos idade agente de saúde indígena AIS. O senhor Mauro Urupe Chue de 24 anos de idade professor na escola da aldeia, o senhor Edmundo Nicolau Chue Muquissai de 19 anos de idade, professor na aldeia. E as crianças com faixa etária de 06 a 12 anos de idade.

### CAPÍTULO III

Tratamos neste capítulo de apresentar as brincadeiras infantis enquanto manifestação étnica cultural do povo *Chiquitano*, a partir do relato dos consultores nativos entrevistados.

#### 3.1 Brincadeiras realizadas antigamente a partir dos relatos feitos

##### Relato 6

*Antigamente nós fazia assim nas brincadeiras, quando nossos pais saiam para outras aldeias próximas, ou iam participar de alguma festa, a gente ficava em casa, eles sempre deixavam as tarefas para nós, como socar arroz, lavar vasilhas e fazer outros serviços leves. Então sempre a gente já mandava um dos irmãos ir até a casa das outras crianças para ver o que tinham de fazer como tarefa daí nós reunia todas as crianças que ficavam na casa, e se ajudava uns aos outros, só depois das tarefas realizadas a gente ia brincar, não brincava separado era tudo junto as meninas e os meninos até nos serviços (tarefas). Nós reunia e ia lá naquele buritizal do outro lado do córrego pegar broto de buriti e daí nós fazia corda da folha e da seda do buriti, pra puxar os carrinhos que fazíamos de pau, pegava o talo do buriti e fazia violão pra tocar na brincadeira que imitava a festa. Nós saia no mato coletar resina de mangava para fazer bola pra nós brincar. Saia coletar jenipapo pra brincar e comer, só nós não deixava as crianças mais pequenas comerem uma parte da fruta do jenipapo, pois faz mal se comer. A gente ia no córrego que naquele tempo ele era largo e tinha bastante água, nós ficava as vezes quase dia inteiro brincando no córrego. Perto da casa tinha também aqueles pés de cipoeiro do mato ali a gente brincava deixava até limpo embaixo dos cipós. Depois a gente reunia na casa do outro e chupava lima, laranja, e cana.*

Neste relato é possível perceber a organização das crianças para cumprirem os deveres que os pais lhes atribuía. Isso era realizado de forma organizada e coletiva, ajudando uns aos outros, brincavam e se divertiam. Utilizavam os espaços da aldeia que não estava resumido somente ao centro da aldeia, mas sim nos espaços ao seu redor, bem como buritizais, córregos e a própria mata. Tudo era utilizado sem temerem a presença de estranhos (fazendeiros). A infância era vivida mais tranquilamente e de maneira saudável.

### **Brincadeira 1 – Perguntas e adivinhações**

*Perguntas e adivinhação, tudo relacionado à natureza era uma forma de memorizar o nome das plantas, árvores, frutas e animais que existiam na região.*

### **Brincadeira 2 – Coleta de frutas**

*Brincava também de coletar frutas, cada criança escolhia o nome de uma fruta sem que ninguém soubesse logo em seguida chegava o coletor de frutas para colher a fruta conforme fosse acertando o nome das frutas a criança ia saindo pois já havia sido coletado. Brincadeira essa que ajudava no raciocínio e na memorização e reconhecimento do nome das frutas. Também reforça os valores, honestidades, onde ninguém pode falar pra ninguém o nome da fruta que escolheu ser, mas também na medida que o coletor for acertando a pessoa tem que ser honesto em dizer que ele é essa fruta.*

### **Brincadeira 3 - Cavaloto**

*Confeccionavam o brinquedo cavaloto para andar, que era feito de dois pedaços de taquara. Fazia o pezinho e amarrava com embira ou cipó para apoiar o pé. Apostavam corrida com ele e até servia de transporte para ir durante à noite de uma casa na outra.*

Abaixo demonstramos um momento de ensino e aprendizagem de se confeccionar o cavaloto e ensinar a brincar com este brinquedo.

**Figura 3 - Adultos ensinam crianças a confeccionar e andar no cavaloto, uma das brincadeiras resgatados pela escola**



Fonte: Edmundo Nicolau C. Muquissai, 2015

#### **Brincadeira 04 – Imitando o *Curussé***

*Brincavam muito de festa do Curussé. Usavam um pedaço de taquara no lugar do pífano e utilizavam latas no lugar da caixa, e dançavam igual a como se dança na festa, todos misturados meninos e meninas.*

Ressalto que esta brincadeira ainda se realiza nos dias atuais.

#### **Brincadeira 05 – Peteca**

*A peteca: também era muito utilizado, na brincadeira, cujo matéria prima era palha de milho e pena de passarinho.*

#### **Brincadeira 06 – Arranca cebola**

*Arranca cebola era outra brincadeira onde todas as crianças seguravam na cintura do outro em fila e um bem mais forte segurava em uma madeira outro mais forte vinha e arrancava*

*a cebola sempre conseguia arrancar os mais fracos. O último sempre permanecia não era arrancado. Ajudava na estimulação da força da criança.*

### **Brincadeira 07 – A ema**

*Na brincadeira da ema todos se põem em roda e cada um escolhe o nome de uma árvore ou madeira para ser o seu braço. Escolhiam também uma criança que seria a ema que ficava no centro do círculo. Ela por sua vez ia de braço em braço perguntando que pau é esse? A pessoa dizia por exemplo, aroeira, pau ferro, angico, ou peroba e assim então a ema teria que sair do meio do círculo e para isso escolhia o lado que representava a madeira mais frágil que ela pudesse sair por ele. Ao conseguir sair todos saíam correndo atrás e quem conseguisse pegar ela seria a próxima ema. E assim sucessivamente. Objetivo reconhecer a resistência das madeiras.*

Conforme apresentado nos relatos das brincadeiras citados acima, percebe-se que elas eram realizadas conforme a realidade cultural e tradicional Chiquitano, valorizando sempre os recursos naturais a fim de dar continuidade a este conhecimento cultural para as futuras gerações.

Entretanto, com a redução do espaço da aldeia e as desmatas frequentes que vem ocorrendo em torno da aldeia, e a falta de liberdade para usufruir dos recursos naturais, as gerações atuais e futuras gerações correm grande risco de não conhecerem, principalmente, as árvores que são de suma importância para o povo.

## CAPÍTULO IV

Tratamos neste capítulo de discutir o papel da escola frente a essa nova realidade das crianças Chiquitano, em especial, àquelas da aldeia Vila Nova Barbecho, *lócus* da nossa pesquisa.

### 4.1 Sobre o papel da escola na aldeia Vila Nova Barbecho

Na aldeia Vila Nova Barbecho está situada a Escola Estadual Indígena Chiquitano José Turíbio que tem fundamental importância para a comunidade, principalmente no que se refere ao resgate da sua língua materna e outros aspectos culturais. A escola oferta o Ensino Fundamental completo, a modalidade EJA - Educação de Jovens e Adultos, e recentemente passou a ofertar a modalidade do Ensino Médio. Esta unidade escolar atende atualmente 29 alunos e conta com um quadro de 07 profissionais da educação. Atualmente os professores ainda se encontram em formação de nível superior em graduação contando apenas com um professor com nível superior, todos *Chiquitano* da mesma aldeia.

A escola que antigamente foi introduzida nas aldeias com objetivo de suprimir nossa identidade étnica e escolarizar os povos indígenas, a partir do modelo tradicional não indígena e, por assim dizer para dominá-los, passa a ocupar de fato seu lugar e fazer seu papel na aldeia, pois após muitas lutas dos povos indígenas, este direito vem sendo conquistado. Assim, hoje a escola vem sendo uma grande parceira em conjunto com os anciões e lideranças da aldeia na revitalização e fortalecimento da língua materna Chiquitano, bem como, de outras práticas culturais através da área de conhecimento das ciências e saberes indígenas. Tal área do conhecimento inclui as disciplinas de Práticas Culturais e Sustentabilidade, Práticas Agroecológicas e Tecnologia Indígena. Existem ainda, as disciplinas de Arte, Cultura e Língua Materna que possibilitam que os conhecimentos tradicionais da cultura Chiquitano sejam trabalhados, conforme a nossa especificidade, fortalecendo, assim, cada vez mais, a revitalização e fortalecimento da identidade Chiquitano. Podemos dizer que esta prática da disciplina dos saberes indígenas já mostra resultados importantes, como o uso da língua materna por várias pessoas, principalmente, jovens e crianças, que antes só praticavam a língua portuguesa. Atualmente já falam e entendem palavras e frases da língua materna Chiquitano, porém, há muito a se aprender ainda.

Outro ponto de destaque é a confecção e uso de materiais artesanais da cultura tradicional, pois atualmente é comum vermos jovens e crianças usando cocar, pinturas e outros adereços da cultura tradicional Chiquitano, o que não ocorria comumente antes. Também ainda citamos como resultado do trabalho da escola a prática da dança tradicional do povo *Chiquitano*, que é o *Curussé*, que se dança ao som do toque da caixa e pífano, assim como a dança da cobrinha, *Chovenã* e outros. Temos também a Orquestra de violinos Chiquitano, cujo membros são todos Chiquitano desta aldeia. As músicas são barrocas, sacras e Chiquitano e são tocadas com caixas, bombo, violinos, violoncelo e violão. Os instrumentos se mesclam, o que fortalece a identidade Chiquitano.

**Figura 4 - Anciões da aldeia contando, para as crianças, como foram suas infâncias**



**Fonte:** Edmundo Nicolau C. Muquissai, 2015

A escola dentro da aldeia tem um papel fundamental na vida do povo, principalmente, no que diz respeito a luta do povo *Chiquitano* da Aldeia Vila Nova Barbecho. Foi uma conquista que através dela, outras conquistas foram sendo alcançadas e muitas praticas culturais foram revitalizadas. Hoje seu papel fundamental é formar cidadãos não somente para o mercado de trabalho, mas sim sujeitos críticos, conhecedoras de seus direitos, reconhecedores de seus valores pertencentes a um grupo que foi e continua sendo amedrontado pelos colonizadores, mas que jamais deixarão de lutar pelos seus direitos, enquanto originários destas Terras, para

que as futuras gerações não sofram o que as atuais gerações estão vivendo ainda em pleno século XXI, e que independente do lugar onde estiverem, nunca se esquecerem de sua essência, suas raízes, seus valores, culturais. Na pesquisa, um dos professores entrevistados relata o seguinte:

### **Relato 7**

*Na realidade hoje na aldeia a infância de nossas crianças é “simples e sadia”, elas brincam e vivem em harmonia com todas as crianças da aldeia, participam em conjunto com os adultos de atividades culturais, eles aprendem muito, construindo novos conhecimentos. A escola é uma grande parceira nos vários aspectos dentro da nossa comunidade indígena, no que diz respeito a garantia da infância a escola sempre busca esclarecer os direitos que as crianças tem de brincar e se divertir na natureza, sempre valorizando - a e respeitando - a. A escola busca ainda resgatar muitas brincadeiras tradicionais que hoje não se brinca e os mais adultos participam fortalecendo momentos de lazer e diversão cultural, onde os mais novos aprendem com os adultos, assim fortalecendo sempre a cultura.*

**Figura 5 - Crianças Chiquitano banhando no Córrego, momentos proporcionados pela escola**



**Fonte:** Edmundo Nicolau C. Muquissai. 2015

Neste relato, percebe-se que a escola, mesmo diante dos desafios e lutas, se esforça para que as crianças Chiquitano tenham uma infância sadia e com liberdade, e acreditam que é através do conhecimento que elas saberão dos seus direitos, para poderem lutar pelos mesmo, e que a escola vem trabalhando na revitalização das práticas culturais e que a mesma oportuniza momentos como este citado acima. No entanto, vale ressaltar que é através da escola que isto é possível com maior frequência. Sem sua contribuição isso seria mais difícil de ser realizado.

**Figura 6 - Intercâmbio entre as escolas indígenas Chiquitano**



**Fonte:** Saturnina Urupe Chue, 2015

#### **4.2 As mudanças no brincar**

As brincadeiras das crianças Chiquitano, da Aldeia Vila Nova Barbecho, no que diz respeito ao uso do espaço geográfico Terra, têm sido transformadas ao longo dos tempos, pelo fato dos impactos culturais causados, pelos “estranhos” (fazendeiros). Hoje as crianças brincam, mas somente nos quintais das casas das famílias, percebendo - se a falta de contato mais próximo com a natureza pela falta de liberdade em usufruir do espaço para tais atividades. A escola, como uma instituição formadora de pessoas e construtora de conhecimentos, procura revitalizar e fortalecer este brincar, proporcionando, assim momentos de lazer com as crianças de forma mais segura acompanhando as crianças até o córrego, coleta de argila, palha, pois o

brincar não se restringe em apenas brincar em um único lugar, mas está presente onde se reúnem várias crianças seja nadando, correndo, andando, até mesmo coletando frutas, o brincar está presente. Portanto, a escola não pode ficar alheia a estes tipos de atividades culturais.

Percebemos hoje a diferença ocorrida e o impacto que essas mudanças vêm causando na vida das crianças Chiquitano na aldeia Vila Nova Barbecho. Assim, esta preocupação só aumenta cada vez mais, pois esta situação vem se agravando a cada dia com mais frequência. Preocupação esta que está relacionada, não apenas com as brincadeiras, ou ausência delas, mas também à saúde física e psicológica, sobretudo em como utilizar ou até mesmo conhecer e se reconhecer no espaço que é seu, pois, são nativos originários dessa Terra, desde os antepassados, mas que ao mesmo tempo é privado, devido a invasão do colonizador (fazendeiros e políticos). Esse contato mais próximo com a natureza é de suma importância pois, além de manter e dar continuidade com as práticas culturais, deixa a criança mais saudável e resistente fisicamente.

**Figura 7 - Crianças Chiquitano brincando no dia a dia jogo de futebol**



Fonte: Edmundo Nicolau C. Muquissai, 2015

**Figura 8 - Crianças Chiquitano andando de bicicleta no dia a dia**



**Fonte:** Edmundo Nicolau C. Muquissai, 2015

### **4.3 O Território e sua relação com as práticas culturais**

Por falta de ter a Terra demarcada, as famílias desta aldeia vivem em uma situação de extrema insegurança, pois vivem pressionadas e ameaçadas, sendo que a terra ainda se encontra em disputa judicial com grandes fazendeiros. Atualmente vivem em uma área de 25 hectares, considerada muito pequena em relação à quantidade de indígenas e famílias que vivem nela, e é insuficiente para o sustento dessas famílias. A área é cercada com arame liso, a qual foi delimitada pela justiça para uso exclusivo, da aldeia. De acordo com os indígenas da aldeia, estes são muito desrespeitados dentro da própria área de uso exclusivo. Um exemplo desse desrespeito é o fato de não poderem construir nada fora do centro da aldeia e aconteceu recentemente que um poço artesiano construído pela SESANI<sup>12</sup> foi embargado pelo fazendeiro e o Juiz deu parecer favorável ao mesmo, parando assim uma obra tão importante para o povo.

Percebo que essa falta de liberdade no uso do espaço geográfico da aldeia, ou seja, um contato mais próximo com a natureza, para nossas crianças tem causado impacto negativo na formação cultural dos mesmos, também na saúde física e psicológica. Por decorrência disso poderá provocar profundas alterações no modo como os *Chiquitano* se relacionam com a natureza na medida em que esse distanciamento promove uma alteração na dinâmica familiar e

---

<sup>12</sup> SESANI Serviço de Edificações e Saneamento Especial Indígena

no uso do espaço da aldeia, no uso da terra, por exemplo. Este fenômeno, por sua vez, tem feito com que o modo de vida das crianças da aldeia seja alterado. Por isso, a escola não pode ficar alheia a este problema social vivenciado por todos na aldeia nos últimos anos, justamente para que os pequenos Chiquitano não fiquem privados destes conhecimentos e de praticá-los.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como dissemos anteriormente, o que percebemos após o término desta pesquisa e que retomamos agora foi a constatação de que de fato a situação do contato com o não índio invasor impactou nosso modo de vida profundamente. E hoje percebemos o que essas mudanças vêm causando na vida e na formação das crianças Chiquitano da aldeia Vila Nova Barbecho.

Assim, esta preocupação só aumenta cada vez mais, pois esta situação vem se agravando cada dia com mais frequência. Essa preocupação está relacionada não apenas com as brincadeiras, ou ausência delas, como dissemos anteriormente, mas, também com as consequências que isso poderá acarretar na saúde física e psicológica das crianças e, sobretudo no que se refere a como utilizar ou até mesmo conhecer e se reconhecer no espaço que é seu como nativo originário dessa terra, mas, que ao mesmo tempo é privado devido a invasão do colonizador que além de destruir toda a mata, impede que os mesmos usufruam dos recursos naturais.

Acreditamos que a escola tem um papel fundamental na construção desse novo tempo para os *Chiquitano*. Iniciativas que procuram relacionar o espaço escolar ao espaço da aldeia são sempre muito bem vindas. E a escola da aldeia Vila Nova Barbecho tem feito esse papel de resgate cultural paralelo à luta pelo direito à terra, que é o bem mais precioso para meu povo e sem a qual não é possível sobreviver.

Como resultado desta pesquisa também foi a afirmação ainda mais forte de que a TERRA é fundamental na continuidade das práticas Culturais para que as crianças tenham esses conhecimentos, por isso se faz necessário a demarcação da mesma. Tendo Terra tem como desenvolver todas as demais atividades culturais do povo *Chiquitano*. Após analisar tudo isto podemos afirmar que brincar é também aprender do ponto de vista do povo *Chiquitano*.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MOREIRA da Costa, José Eduardo Fernandes. **A Coroa do mundo: religião, território e territorialidade Chiquitano**. Cuiabá MT: Editora da Universidade Federal de Mato Grosso, 2006.

SANTANA, Aurea Cavalcante. **Línguas cruzadas histórias que se mesclam: ações de documentação, valorização e fortalecimento da língua Chiquitano no Brasil**. Tese de Doutorado. Goiânia: UFG, 2012.

QUEIROZ, Leticia Antônia de. **Educação da criança Chiquitano: O Curussé como expressão das práticas corporais educativas**. Cáceres/MT: UNEMAT, 2013.

## CONSULTORES NATIVOS

Nicolau Urupê

Clemencia Muquissai Soares

Helena Laura Chue

Elizabete Tossué Soares

Fernandes Moquissai Soares

Cleide Muquissai Chue

Mauro Urupe Chue

Suzilene Urupe Chue

Edmundo Nicolau Chue Muquissai